
CICLO DE CINEMA

11 MAI 17:00



LUIS GARCÍA BERLANGA

Retrospectiva

PATRIMÓNIO NACIONAL

SERRAVES

SESSÃO 9

11 MAI | 17:00

PATRIMONIO NACIONAL PATRIMÓNIO NACIONAL

Luis García Berlanga | ESP | 1981 | 112'

Realização: Luis García Berlanga

Produção: Alfredo Matas

Argumento: Luis García Berlanga e Rafael Azcona

Direção de fotografia: Carlos Suárez

Montagem: José Luis Matesanz

Direção de arte: Román Arango e Pin Morales

Caraterização: José Antonio Sánchez

Direção de som: José Nogueira

Interpretação: Luis Ciges (Segundo), Luis Escobar (Marquês de Leguineche), Agustín González (Padre Calvo), José Luis López Vázquez (Luis José), Alfredo Mayo (Nacho), José Lifante (Goyo), Mary Santpere (Condessa), Amparo Soler Leal (Chus), Syliane Stella (Solange), José Luis de Vilallonga (Álvaro), Jaime Chávarri (guia turístico) e Chus Lampreave (Viti).

Produção: In-Cine Compañía Industrial Cinematográfica e Jet Films

Cópia: cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 112 minutos

País: Espanha

Estreia: 26 de março de 1981 (Barcelona, Espanha)

O PATRIMÓNIO DE BERLANGA: RELÍQUIAS RESGATADAS DO RIDÍCULO

Não há nada mais estranho para um artista essencialmente festivo do que a mitologia do perdedor, exceto, talvez, a posição oposta, que consiste em fazer lenha da árvore caída. É por isso que, embora os filmes de Luis García Berlanga apresentem uma quase total ausência de vencedores e pareça não haver lugar para mais do que uma vitória de Pirro, não se pode dizer que, por um lado, o seu cinema seja derrotista, nem propenso ao escárnio ou à elegia daqueles que perderam o pouco (ou muito) que tinham a perder. Vale a pena especificá-lo para evitar mal-entendidos, uma vez que Berlanga tem, por outro lado, prestado constantemente uma atenção afetuosa àqueles que em inglês são chamados, com uma palavra curiosa, os *underdogs*, que poderia ser traduzida para espanhol como *los perdidosos*, ou seja, aqueles que perderam. E, além disso, acontece que o seu riso resiste à crueldade e o seu olhar tende instintivamente para a cumplicidade afetuosa com todos aqueles que, por mais miseráveis que sejam e por mais condenáveis que sejam os seus comportamentos, são redimidos – pelo menos parcialmente – pela graça ou pela inteligência, pela inocência ou pela loucura.

Depois de alguns anos de atividade forçosamente escassa e, a meu ver, de um relativo estreitamento de perspetivas, Berlanga parece – no caso de *La Escopeta Nacional* (*A Espingarda Nacional*, 1978), mas ainda mais e melhor em *Patrimonio Nacional* (*Património Nacional*, 1981) – estar de volta ao cinema de montagem de *Bienvenido, Mr. Marshall* (*Benvindo, Mister Marshall!*, 1952), *Calabuch*

(*Paraíso Esquecido*, 1956) ou *Plácido* (*Plácido*, 1961), que é – com todas as suas variações de tom, amplitude e grau de ebulição – aquele que melhor se presta à sua obra. *Benvindo, Mister Marshall!*, *Paraíso Esquecido* ou *Plácido*, são – com todas as suas variações de tom, amplitude da amostra e grau de ebulição – aqueles que melhor se prestam à exibição da sua capacidade criativa, de uma originalidade que subestimámos, mas que parece cada vez mais evidente (nem Tati, nem Monicelli, nem Renoir, nem Fellini a podem explicar, e é anterior tanto a Ferreri como à colaboração com Azcona).

Para além disso, a sua visão abraçou recentemente novos estratos sociais, que se têm vindo a juntar ao censo dos párias. A Espanha continua cheia – e cada vez mais cheia – de deserdados malandros ou ingênuos como em *Plácido* ou os protagonistas de *El verdugo* (*O Carrasco*, 1963), os esperançosos de sempre, que vivem de um milagre e na expectativa de um golpe de sorte caído do céu que lhes permita melhorar a sua situação precária ou desesperada (ou, pelo menos, adiar para amanhã a dívida que não podem pagar hoje ou, seguramente, no dia seguinte), e há aqueles interpretados por Luis Ciges, José Ruiz Lifante ou Chus Lampreave em *Património Nacional* para nos lembrarem disso. Mas as fileiras dos abandonados por Deus têm-se enchido recentemente de novos e inesperados recrutas, na sua maioria oriundos de uma aristocracia inculta – arruinada pela sua própria ociosidade e negligência, pelo absentismo que tão comodamente praticavam, e rematada pelo fisco – mais alguns daqueles que, até há pouco tempo, iam ser novos-ricos ou subsecretários e ficaram pelo caminho. Estes mendigos

neófitos, amadores e mesmo diletantes, mais do que profissionais, recorrem também a esse verdadeiro património nacional que é o picaresco, e tentam conservar um resto de dignidade que os torna simultaneamente ridículos e patéticos. Alegadamente desonestos, nada conformados com a decadência económica e política, ainda mais preguiçosos do que os seus semelhantes, veteranos e menos habituados à pobreza relativa do que os pobres à pobreza absoluta, conscientes de que têm os dias contados (e que não são muitos), tentam sobreviver com o tempo emprestado, com a história, com as aparências, sem outra salvação que não seja uma hipotética comissão real ou um cargo palaciano que nunca lhes chegará.

Como já não podem viver de rendas ou de especulações, de influências e de recomendações, não lhes resta senão tentar viver de ilusões e de crédito, ou seja, do mesmo que viviam os Plácidos do incipiente desenvolvimentismo e os diligentes prevaricadores da idade de ouro tecnocrática (*A Espingarda Nacional* passa-se por volta de 1969), sempre por um fio, sempre atualizados, uma coincidência que não passa despercebida aos mais lúcidos e que os faz sentir ainda mais “humilhados e ofendidos” e aceitar ainda com mais má vontade, ou com menos gratidão, o que a sorte lhes trouxe, pois o negativo parece-lhes um atentado à sua propriedade privada, e o positivo algo a que têm todo o direito e que lhes pertence por tradição e linhagem. É como se, forçados pelas circunstâncias a roubar, insistissem que “ainda há classes” e se orgulhassem de ser ladrões de colarinho branco – ou, na pior das hipóteses, ratos de hotel em vez de carteiristas comuns.

Mas *Património Nacional* não tem nada de “crepúsculo dos deuses” ou de “canto do cisne” por redução ao absurdo, simplesmente porque Berlanga está longe de ser um cineasta visionário decadente ou crepuscular. O que *Património Nacional* nos oferece é, pelo contrário, a fabricação exposta (e em evidência) da velha farsa, mais anacrónica e grotesca do que nunca, apesar de, enquanto indivíduos, algumas das suas personagens – como o Marquês de Leguineche, tão prodigiosamente interpretado por Luis Escobar, uma descoberta tardia de que Pepe Isbert tinha um herdeiro e Totò tinha um rival hispânico – alcançam, sob a orientação de Berlanga, uma certa nobreza malandra, que provém mais da sua vontade de adaptação e de sobrevivência do que da sua condição de vítimas do curso da história e da crise económica ou dos “grandes ares” que ainda querem dar a si próprios com o leque de fúria dos seus títulos desvalorizados.

E tudo isto é possível graças ao facto de Berlanga, como já deveria ser óbvio, ter sido sempre muito relutante em ler cartilhas, e de os seus filmes não se prestarem à transmissão de mensagens, lições morais ou slogans. Desde muito cedo, Berlanga desenvolveu um estilo de cinema muito original que permite a qualquer pessoa encontrar o seu próprio caminho, sem a ajuda de ninguém nem a necessidade de manuais de instruções ou códigos-chave, no viveiro que são os seus filmes “corais”, provavelmente os mais abundantes da sua filmografia. Situado exatamente nos antípodas de Bresson e Eisenstein, Berlanga aspira à onnipresença, a não excluir ninguém do enquadramento, e para isso recorre a planos muito longos – que nunca soam a *tour de force*, já que a câmara evolui

sem alarde, estritamente atenta aos movimentos das personagens no cenário –, cheios de atividade febril (muitas vezes improdutivo). Mais interessado – como Jean Renoir – na vida do que no cinema, Berlanga tende a apagar o enquadramento como quadro e a negar a função do ecrã como divisória entre cineasta, personagens e público, um empreendimento em que *Património Nacional* me parece, com *Parade* (Parada, 1974) e *PlayTime* (*PlayTime – Vida Moderna*, 1967) de Jacques Tati, uma das suas maiores realizações.

Muito mais magistral e menos episódico do que *A Espingarda Nacional*, *Património Nacional* dispensa a caricatura para nos apresentar seres divertidos que já são suficientemente caricaturais, sem que os atores tenham de forçar a linha para acentuar ou deformar os seus traços. São também no bom sentido do termo, muito engraçados: mais do que rir deles, rimos com eles, o que nos permite ver o que há de apreciável em alguns deles, sobretudo no Marquês de Leguineche, verdadeiramente “inapelável” e tão distante do oportunismo camaleónico do filho Luis José (José Luis López Vázquez) como da imobilidade inoportuna da mulher, Eugenia (Mary Santpere).

Mais do que uma continuação de *A Espingarda Nacional* – embora retome algumas das suas personagens para as focar e pôr em contacto com outras novas –, *Património Nacional* poderia ser o início de uma série de filmes sobre a família Leguineche e os seus comparsas, embora eu suspeite, pelo que dizem Berlanga e – no final do filme – um dos guias (Jaime Chávarri) que acompanha os turistas ao palácio, que é o fim da saga. Talvez seja melhor

assim – sobretudo se Berlanga tiver outras histórias mais interessantes para nos contar –, mas confesso que gostaria de ver mais duas, quatro ou seis horas dedicadas às andanças, desventuras e ilusões desta família rançosa.

Miguel Marías
(texto traduzido de “La escopeta nacional”,
Casablanca, nº 1, janeiro de 1981)

PRÓXIMAS SESSÕES

CICLO *RETROSPECTIVA LUIS GARCÍA BERLANGA*

18 MAI | DOM | 17H00

NACIONAL III

Luis García Berlanga | ESP | 1982 | 102'

25 MAI | DOM | 17H00

TODOS A LA CÁRCEL | TODOS PARA A PRISÃO

Luis García Berlanga | ESP | 1993 | 99'

CICLO *MODOS DE REVER*

21 JUN | SÁB | 17H00

RUSSKIY KOVCHEG | A ARCA RUSSA

Aleksandr Sokurov | RUS, GER, JPN, CAN, FIN, DEN | 2002 | 99'

Convidados: Delfim Sardo, professor e crítico de arte, e Carlos Natálio, professor e crítico de cinema

CICLO *UM FILME FALADO*

14 JUN | SÁB | 17H00

NEOREALISMO

UMBERTO D

Vittorio De Sica | ITA | 1952 | 89'

Convidados: André Cepeda, fotógrafo, e Cristina Fernandes, investigadora de cinema

CICLO *O SABER DO CINEMA*

24 MAI | SÁB | 10H00

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150—417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

